



Análise das cartas de leitores da Folha de Londrina a partir do conceito de esfera pública habermasiana

Beatriz Pozzobon Araujo¹

Resumo: Com objetivo de identificar as potencialidades e limitações do espaço “Opinião do Leitor”, publicado diariamente no jornal Folha de Londrina, esta pesquisa se propõe a realizar uma análise das cartas de leitores do jornal. Busca-se verificar as proximidades e distanciamentos das cartas de leitores com o conceito de esfera pública habermasiana e ainda apurar as potencialidades do espaço enquanto dispositivo de resposta social. Para tanto, a partir da metodologia de análise de conteúdo (AC), foram acompanhadas as 26 edições da Folha de Londrina de junho de 2017, em um total de 102 correspondências. As cartas foram analisadas a partir de oito categorias base: a) nome do leitor ou leitora; b) profissão e/ou ocupação; c) sexo; d) cidade; e) tema; f) argumento; g) se há diálogo com a mídia; e h) se há interação entre leitores.

Palavras-chave: Comunicação; cartas de leitores; esfera pública; sistema de resposta; Folha de Londrina.

1. Introdução

No livro “A sociedade enfrenta sua mídia”, José Luiz Braga (2006) propõe um terceiro sistema – o sistema de resposta – a ser adicionado aos dois que a teoria da comunicação reconhece existir: o de produção e de recepção. Dessa forma, este artigo analisa as cartas de leitores do jornal Folha de Londrina enquanto dispositivos de resposta social e busca verificar as potencialidades do espaço que pode ser utilizado como instrumento de debates entre leitores e jornal e leitores e leitores, de maneira a constituir o que Habermas denomina “esfera pública”.

¹ Jornalista, mestranda em Comunicação na UFPR, pós graduada em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL e formada em Jornalismo pela mesma instituição.

Durante muito tempo, as cartas de leitores constituíram-se como o único dispositivo disponível para participação dos públicos no meio impresso. Atualmente, apesar do surgimento de novas formas de participação e interação com os meios de comunicação, o espaço dedicado às cartas continua a ser utilizado pela imprensa brasileira, sendo ainda publicado nas páginas nobres do jornal.

Isso acontece porque, segundo a pesquisadora portuguesa Marisa Torres da Silva (2014), os novos dispositivos de participação apresentam características distintas do espaço das cartas de leitores, pelo seu imediatismo e pela extrema reatividade que as suas intervenções sugerem. Dessa forma, a seção de correspondência continua a manter-se como lugar de abordagem mais reflexiva e aprofundada dos assuntos de interesse comum. Por conta disso, a sua importância enquanto estrutura de comunicação pública não deve ser menosprezada (SILVA, 2014, p. 370).

As cartas refletem a maneira como leitores e leitoras pensam o mundo e revelam suas opiniões diante dos grandes temas da atualidade. No espaço dedicado ao leitor, o leitorado tem a possibilidade de identificar novas problemáticas sociais e, dessa forma, fazer com que esses temas adentrem na agenda pública, tornada visível pela mediação dos meios de comunicação. Assim, as cartas de leitores são uma iniciativa do usuário receptor do jornal, direcionada para um sentido inverso da mensagem inicial. São, portanto, uma resposta e podem ser incluídas nos dispositivos de crítica midiática propostos por Braga.

No entanto, para que um dispositivo seja considerado potencialmente crítico, é preciso que se qualifiquem como ações sociais que retribuem o que a mídia circula, ou melhor, que fazem circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam. Ou seja, o espaço pode ser utilizado de forma a “enfrentar” tudo o que os meios de comunicação impõem como padronização, dominação, inversão de valores e conservação de um *status quo* injusto. Assim, a sociedade ao observar sua mídia pode evitar possíveis levandades por parte desta, fazendo um controle e exigindo rigor no que é publicado.

Além disso, as cartas de leitores, ao dar visibilidade a argumentos sociais, podem contribuir com processos públicos de debate, inserindo-se no que Habermas denomina “esfera pública”. Aqui o que se pretende é que os interlocutores se engajem numa

conversação coerente, conduzida com lealdade. Supõe que eles negociem posições e dialoguem argumentos e contra argumentos até chegar a um denominar comum, que expressa a vontade do coletivo. Dessa forma, os leitores podem utilizar o espaço das cartas para troca argumentos e a busca de esclarecimentos recíprocos para a tomada de posicionamentos sociais.

Para tanto, com auxílio da metodologia de análise de conteúdo (AC), conforme proposto por Fonseca Júnior (2011), foram acompanhadas as 26 edições da Folha de Londrina de junho de 2017, em um total de 102 correspondências, visto que são publicadas de três a cinco cartas por dia, de acordo com o tamanho dos textos. As cartas foram analisadas a partir de oito categorias base: a) nome do leitor ou leitora; b) profissão e/ou ocupação; c) sexo; d) cidade; e) tema; f) argumento; g) se há diálogo com a mídia; e h) se há interação entre leitores. O artigo também se baseia em entrevista concedida pelo jornalista Claudemir Scalone, editor de Opinião da Folha de Londrina, a fim de esclarecimentos sobre os critérios de seleção, edição e exclusão das cartas.

2. As cartas de leitores como dispositivo de crítica midiática

As cartas de leitores estabeleceram-se, a nível internacional, de forma regular, no século XIX, mais especificamente em 1851, com as publicações do jornal pioneiro *The New York Times* (SILVA, 2007, p. 603). No Brasil, os primeiros jornais a publicarem as cartas enviadas pelo público foram o Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo, então chamada Folha da Manhã, na década de 1950 (SANTHIAGO, 2005, p. 2). Nos anos 1970, conforme pontuado por Braga (2006, p. 133) o semanário *O Pasquim* abriu espaço privilegiado para este tipo de debate, chegando a ocupar duas páginas do jornal, que se dedicou a responder às cartas selecionadas uma a uma.

Desde então até agora, as cartas de leitores são um dos lugares que os cidadãos têm para transformar a informação que possuem em argumentos públicos. É o espaço para ouvir a voz do leitor porque, como pontuado por José Marques de Melo (1985), o leitor deveria constituir o principal foco de atenção dos jornalistas. “Afinal de contas, é em função dele que os repórteres observam os fatos, que os redatores escrevem matérias, que os editores decidem o que divulgar” (MELO, 1985, p. 127).

Neste ponto da discussão, pode-se questionar o porquê das pessoas escreverem para os jornais. Segundo Melo (1985, p. 131), isso acontece porque o público deseja comunicar alguma coisa aos seus contemporâneos, contribuir com a decisão dos governantes e participar dos destinos da sociedade. Os leitores não estão satisfeitos em apenas receberem as informações passivamente, querem poder participar, serem lidos, ganhar visibilidade midiática. Por isso escrevem cartas para sugerir temas, reivindicar direitos, reclamar, denunciar, participar (ADGHIRNI; BAESSE, 2012, p. 239). Assim, os leitores passam a se posicionar não apenas como audiência passiva, mas enquanto público com características reflexivas, interessado em debater os assuntos que envolvam interesses coletivos.

As cartas de leitores, ao serem canais de abertura e participação do público, podem influenciar no agendamento de matérias, por exemplo, caracterizando-se como ações de retorno da sociedade sobre sua mídia. É, neste sentido, que se insere a reflexão do pesquisador José Luiz Braga (2006), que classifica as cartas de leitores como dispositivos de crítica midiática, enquadradas em um terceiro sistema de comunicação – o sistema de interação social sobre a mídia ou sistema de resposta social. Por saber que é afetada pela midiatização, a sociedade não apenas sofre os efeitos, nem resiste pontualmente, mas se organiza para enfrentar sua mídia.

O terceiro sistema corresponde, então, a atividades de resposta da sociedade em interação com os produtos da mídia, de forma a completar o processo midiático, fazendo-o efetivamente funcionar como comunicação. Isso porque a multiplicidade dos processos midiáticos, na sociedade, não se esgota nos sistemas de produção e de recepção (BRAGA, 2006, p. 21). São ações, de um modo geral, voltadas para a sociedade. No entanto, conforme a sua abrangência, podem ter um sentido direto ou indireto de retorno sobre a mídia.

Assim como os produtos e programas midiáticos são a face visível do sistema de produção; a audiência, acolhimento, edição e resistência a esses produtos são a face visível do processo de recepção; os dispositivos sociais e as críticas midiáticas são os elementos visíveis do sistema de resposta. Neste sentido, podem ser classificados como dispositivos de resposta social, ou dispositivos de crítica midiática, os cineclubes, os trabalhos acadêmicos que estudam a mídia, a coluna *ombudsman* nos jornais, *sites* na

internet voltados para comentários sobre mídia e comunicação e, como trabalhado neste artigo, as cartas de leitores em revistas e jornais, em que o comentário seja potencialmente analítico ou crítico sobre os produtos midiáticos.

Por definição, as cartas de leitores são uma iniciativa do usuário receptor do jornal, direcionada para um sentido inverso da mensagem inicial. São, portanto, uma resposta (BRAGA, 2006, p. 135). As cartas publicadas são tornadas acessíveis aos leitores em geral sendo uma interlocução ampla e difusa relevante. Elas tentam agir pontual e diretamente sobre o jornal e podem representar uma sociedade atenta ao modo como é tratada, o que, segundo Braga (2006, p. 139), imporá pelo menos um limite a possíveis levandades da mídia. Ao retratarem críticas ao jornal, as correspondências do leitor podem indicar a existência de uma postura mais exigente aos conteúdos publicados pelos meios de comunicação. Mas tudo isso depende, também, da qualidade da interlocução de parte a parte.

3. Mídia e a esfera pública habermasiana

Este artigo pretende analisar as proximidades e distanciamentos das cartas de leitores do jornal Folha de Londrina com o conceito de esfera pública democrática de Habermas (apud GOMES, 2008). Isso porque, assim como o autor preconiza no que diz respeito à esfera pública, as cartas de leitores permitem um alargamento da comunicação pública e a introdução de novas perspectivas no debate aproximando-se, assim, com a teoria da democracia deliberativa, que entende a troca de argumentos entre cidadãos como essenciais para a tomada de decisão.

O conceito de esfera pública vem da ágora grega, em que os ditos cidadãos se reuniam em praça pública com objetivo de deliberar sobre questões de interesse coletivo. No século XVI, a classe burguesa controlava a economia, mas não possuía nenhum poder político. A fim de se organizar em torno dos seus interesses coletivos, os burgueses utilizam de uma arena pública para deliberar racional e publicamente sobre as decisões coletivas que os afetam e importam. Assim, a esfera pública volta à cena, sendo identificada como a forma que a burguesia encontrou para igualar as classes.

Ou seja, “a esfera pública deve ser compreendida como o âmbito da vida social em que interesses, vontades e pretensões, que comportam consequências à comunidade política, se apresentam na forma de argumentação abertas à participação de todos os cidadãos” (GOMES, 2008, p. 35). Ainda segundo Gomes, participar da esfera pública significa comprometer-se em utilizar da racionalidade (discutir sinceramente quando se quer expor razões e considerar as razões expostas pelos outros) e da discursividade (pretensões que só podem ser consideradas se apresentadas na forma de argumentos).

É preciso colocar argumentos a favor e contra, dando razões convincentes de aprovação ou reprovação da opinião privada que pode vir a se tornar opinião pública, se precedida de discussão política. A esfera pública é, assim, a ocasião e a condição em que se gera a opinião pública. Em resumo, ao discutirem racional e publicamente, os interlocutores podem chegar a um denominador comum, que expressa a vontade do coletivo. Foi dessa forma que os burgueses conquistaram o poder político, antes restrito à aristocracia e à igreja.

Importante ressaltar aqui que a esfera pública não é uma coisa, lugar ou instituição social. O que define a esfera pública democrática é o processo público do debate. Portanto, nem um jornal, nem um sindicato, por exemplo, são imediatamente esfera pública, embora possam funcionar dessa maneira. O que define a esfera pública potencialmente democrática são dois fenômenos da vida social, a visibilidade e a discutibilidade. Visibilidade como aquilo que é acessível e disponível ao conhecimento público e discutibilidade como a troca pública de razões. Qualquer perda de uma das dimensões acarreta perda da qualidade democrática.

Na sociedade contemporânea, com o crescimento da população, o público não mais se constitui por presencialmente presentes em espaços determinados, sendo a mídia a que melhor pode fazer a intermediação entre os públicos. Atualmente, “não há espaço de exposição, exibição, visibilidade e, ao mesmo tempo, de discurso, discussão e debate que se compare em volume, importância disseminação e universalidade com o sistema de comunicação de massa” (GOMES, 2008, p. 118).

A esfera pública contemporânea é, portanto, midiática. Reconhecer a esfera pública dos dias de hoje como esfera pública midiática é avançar na compreensão da cena política atual. Pois, ainda que a esfera pública tenha se tornado midiática de forma

quase integral, conserva sua capacidade de formar opinião. No entanto, isso não significa admitir que a cena midiática seja uma esfera pública em sentido estrito. Afinal, diferentes tipos de discursos circulam nos meios de comunicação de massa.

Segundo Maia (2008, p. 166), o sistema dos *media* desempenha um papel central na disseminação de informações a grandes públicos, dessa forma, contribui para “criar um espaço de deliberação social” e para o “intercâmbio de razões em público”. A mídia tem ainda um requerimento fundamental para a deliberação, que é o seu caráter publicitário, de publicizar informações aos atores sociais, tornar a informação disponível ao conhecimento comum. Porque “somente quando os atos, as intenções ou os planos podem ser conhecidos, tem-se a possibilidade de gerar um processo dialógico de troca de razões com objetivo de solucionar situações problemáticas” (MAIA, 2008, p. 168).

Apesar das potencialidades democráticas, os meios de comunicação desempenham um papel ambíguo na estruturação da esfera pública política. Como elucidado por Maia (2008, p. 201), em determinadas situações, os *media* podem mobilizar questões políticas relevantes e contribuições apropriadas para um debate público eficaz. Por outro lado, a mídia pode, em igual medida, ignorar ou balizar questões políticas importantes, distorcer informações, excluir ou deslegitimar a voz de certos autores à medida que favorecem o discurso de outros. É por conta disso que é essencial analisar os meios de informação de forma crítica, de maneira a identificar em que medida o discurso da mídia se aproxima ou se distancia de procedimentos democráticos.

4. As cartas de leitores da Folha de Londrina

Com objetivo de identificar as potencialidades e limitações do espaço “Opinião do Leitor”, publicado diariamente no jornal Folha de Londrina, esta pesquisa se propõe a realizar uma análise de um mês completo de cartas acompanhadas dia a dia. Para tanto, foram analisadas as 26 edições da Folha de Londrina de junho de 2017, em um total de 102 correspondências, visto que são publicadas de três a cinco cartas por dia, de acordo com o tamanho dos textos.

Aqui cabem dois apontamentos. O primeiro diz respeito ao período escolhido para o *corpus*, o mês de junho de 2017. Junho foi o mês analisado por ser o mais recen-

te, ou seja, o último mês de cartas publicadas em tempo hábil para envio deste trabalho. Com relação às 26 edições, isso acontece por conta da unificação das edições dos sábados e domingos do jornal, que desde o dia 03/09/2016, passaram a circular juntas, recebendo o nome de #FOLHAFDS.

O primeiro delineamento do formato de uma seção de cartas na Folha de Londrina se iniciou na década de 1980. Antes desse período, esporadicamente, o jornal publicava cartas de leitores, especialmente, em resposta a determinada reportagem. Atualmente, chegam à redação entre quatro e dez sugestões dos leitores. Em algumas ocasiões, quando há uma notícia de destaque, o jornal chega a receber mais de 20 correspondências. A maioria das cartas é recebida via *e-mail*, da editoria de Opinião da Folha, mas até hoje chegam cartas pelo Correio ou são deixadas no balcão do jornal.

Em entrevista, o jornalista Claudemir Scalone, editor de Opinião da Folha de Londrina, pontuou os critérios de seleção e exclusão das cartas recebidas. Segundo ele, não são publicadas cartas de políticos com mandatos, a exceção é se for resposta a alguma reportagem do jornal e cartas que ficaram “velhas”. Também não são publicadas ofensas pessoais de leitor contra leitor ou mesmo contra outras pessoas, o que pode render processo contra o jornal. As cartas excluídas não são respondidas individualmente porque, segundo Scalone, não há tempo hábil para isso.

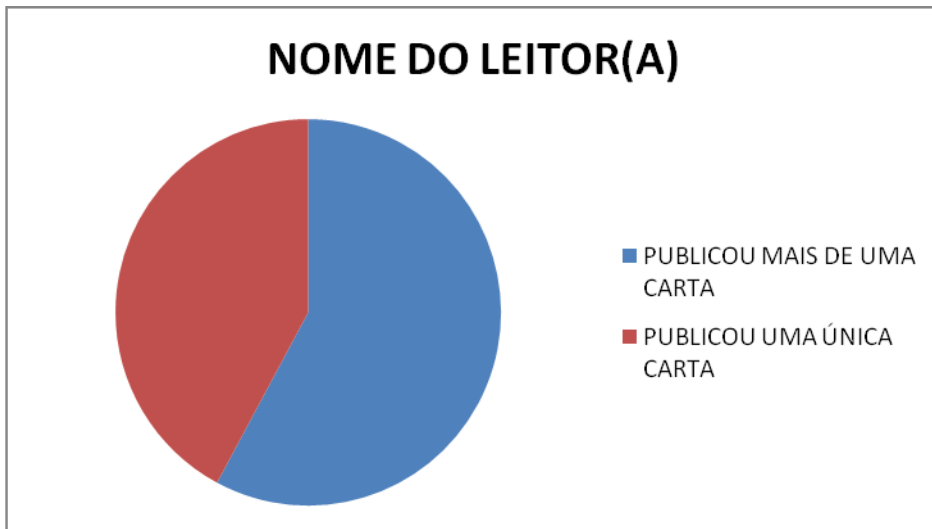
Por outro lado, para que a carta seja publicada, é exigido que o leitor se identifique com nome completo, profissão ou ocupação, endereço e telefone para contato. Os textos devem ser claros e ter até 700 caracteres. Caso a carta não esteja clara o suficiente, é encaminhado *e-mail* para que o leitor a esclareça. As cartas passam por processo de edição em que é verificada a ortografia e se não há conteúdo ofensivo. A ordem das cartas publicadas é escolhida pelo editor que a define, segundo o próprio, de acordo com o assunto em pauta.

A metodologia científica em que se baseia esta pesquisa é a análise de conteúdo (AC), conforme proposto por Fonseca Júnior (2011). De acordo com Berelson (apud FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 282), a análise de conteúdo é “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. A técnica utilizada para este trabalho é análise categorial, que funciona por meio de categorias de análise. Dessa forma, as cartas de leitores da Folha de Londrina

foram analisadas a partir de oito categorias: a) nome do leitor ou leitora; b) profissão e/ou ocupação; c) sexo; d) cidade; e) tema; f) argumento; g) se há diálogo com a mídia; e h) se há interação entre leitores.

A primeira categoria “nome do leitor ou leitora” foi analisada para verificar se há diversidade de vozes no jornal ou se os leitores tendem a se repetir. Das 102 correspondências publicadas, de 01º a 30 de junho de 2017, 59 foram enviadas por leitores que tiveram mais do que uma carta publicada durante o período analisado; e 43 cartas foram encaminhadas por leitores que tiveram uma única correspondência publicada. Dessa forma, cerca de 58% das cartas de leitores da Folha de Londrina correspondem ao mesmo leitorado, em um total de 20 pessoas que tiveram as cartas publicadas mais de uma vez.

Gráfico 1 – Nome do leitor ou leitora

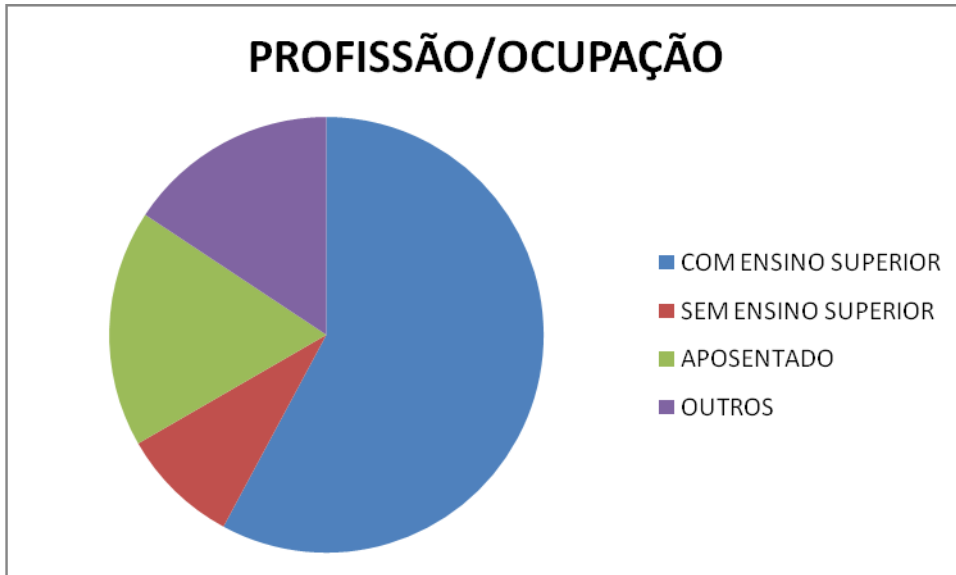


Fonte: a própria autora

Com relação à profissão ou ocupação dos leitores, que corresponde à segunda categoria de análise, foi identificado que 59 cartas, o equivalente a 58% do total, foram escritas por pessoas com ensino superior, sendo 17 advogados; 9 cartas (9%) foram escritas por leitores sem ensino superior; 18 correspondências (17,5%) foram escritas por aposentados; e 16 cartas (15,5%) foram enviadas por leitores cuja profissão não é possí-

vel identificar o nível de escolaridade, como é o caso de pessoas que se denominam “servidores públicos”.

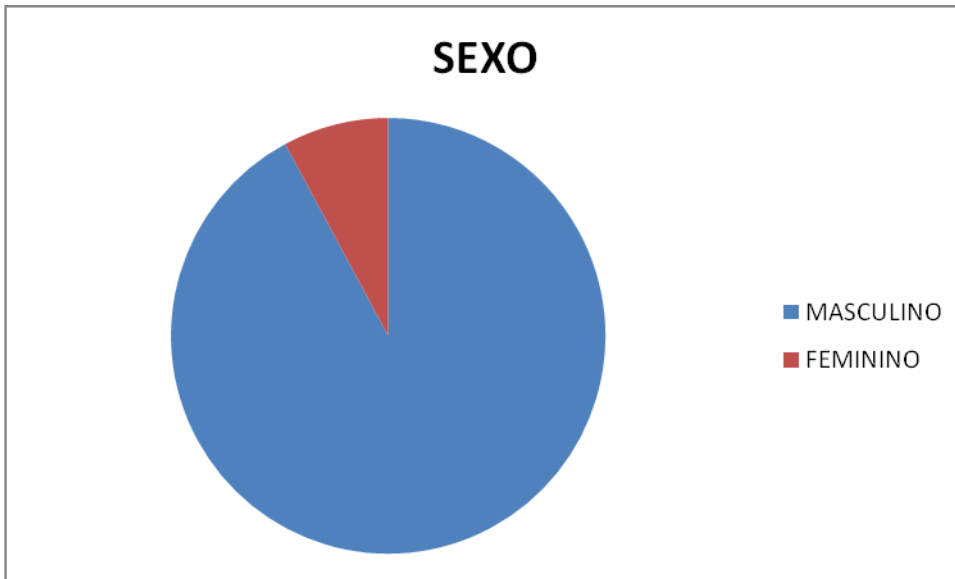
Gráfico 2 – Profissão ou ocupação



Fonte: a própria autora

A terceira categoria de análise “sexo” buscou identificar a quantidade de homens e mulheres que escrevem para o jornal. Das 102 cartas analisadas, 94 delas foram escritas por leitores do sexo masculino, o que equivale a 92% do total; e as oito cartas restantes foram encaminhadas por mulheres, totalizando 8% das correspondências.

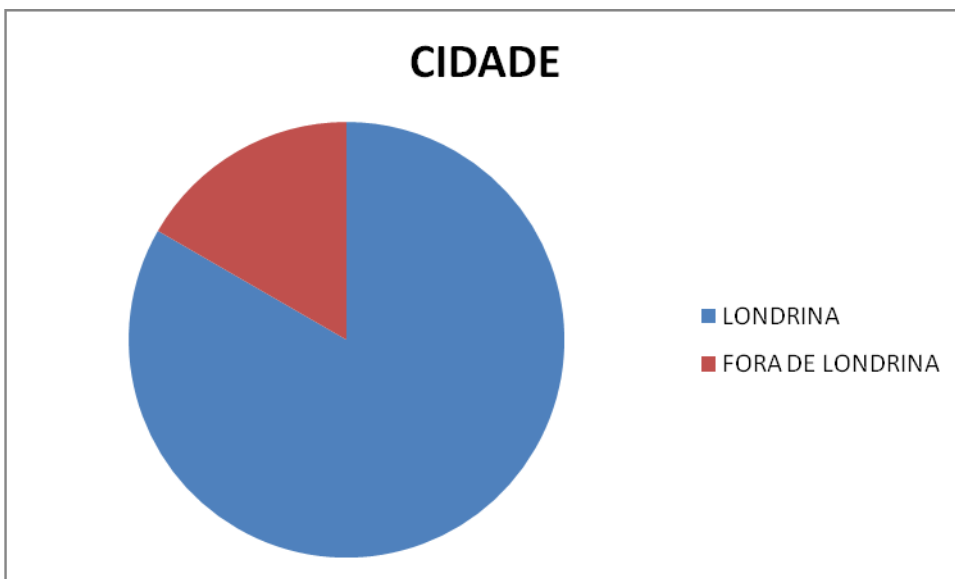
Gráfico 3 – Sexo



Fonte: a própria autora

A localização dos leitores que escrevem para o jornal foi analisada na categoria “cidade”, que também identificou, dessa forma, a circulação do periódico. O resultado é que 85 cartas (83,5%) foram escritas por correspondentes de Londrina e 17 cartas (16,5%) foram enviadas por pessoas de fora da cidade, sendo nove delas da Região Metropolitana de Londrina, quatro do Norte Pioneiro do Paraná, três de Curitiba e uma do Vale do Ivaí, mais especificamente, da cidade de Califórnia.

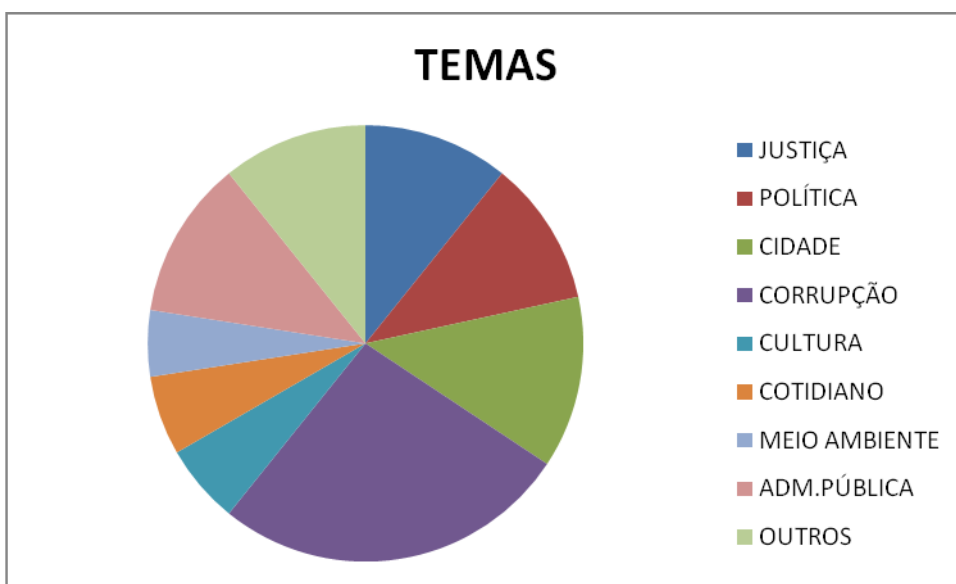
Gráfico 4 – Cidade



Fonte: a própria autora

As correspondências foram ainda divididas em nove temáticas sendo: Política, Justiça, Corrupção, Administração Pública, Cidade, Cotidiano, Cultura, Meio Ambiente e Outras. A divisão ficou da seguinte forma: 11 cartas falavam sobre Política e outras 11 sobre Justiça, em um total de 10,7% cada. A categoria Corrupção foi criada posteriormente devido ao grande número de cartas sobre “política” que tratavam especificamente de corrupção, sendo a maior parte delas sobre a Operação Lava Jato. Dessa forma, 27 cartas foram classificadas na categoria “Corrupção”, o equivalente a 26,5% das correspondências, ou seja, mais de um quarto das cartas publicadas. Doze cartas falavam sobre administração pública (11,7%); seis cartas foram classificadas na categoria “Cotidiano” e outras seis em “Cultura”, o equivalente a 6% do total cada; 13 cartas (12,7%) comentavam temas específicos da cidade de Londrina e, por isso, fazem parte da categoria “Cidade”; e cinco cartas (5%) foram classificadas na temática de “Meio Ambiente”. A categoria “Outras” englobou seis categorias iniciais (Internacional, Esporte, Educação, Religião, Economia e Segurança) que receberam menos de cinco cartas cada e foram unificadas em “Outras”, em um total de 11 cartas publicadas, o equivalente a 10,7%.

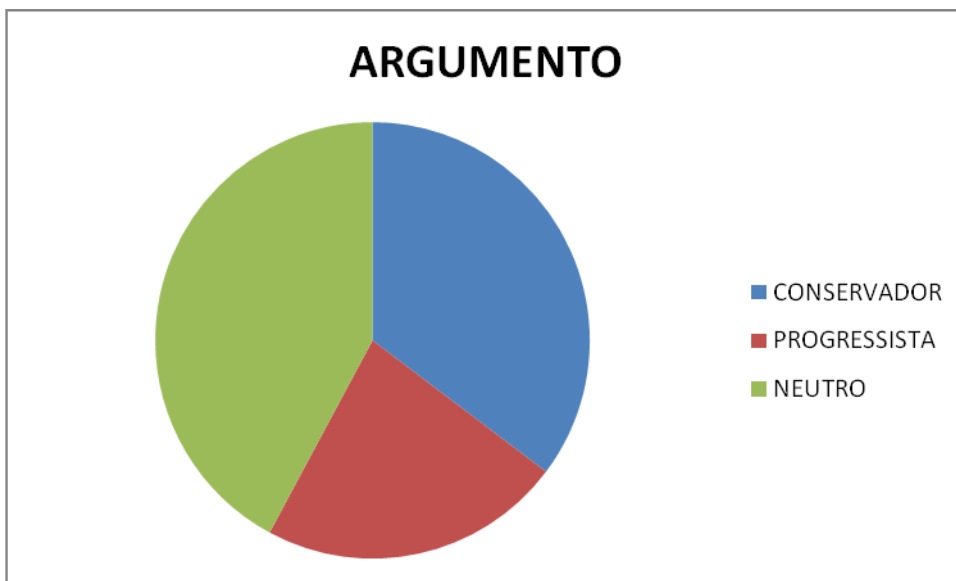
Gráfico 5 – Temas



Fonte: a própria autora

Também foram analisados os argumentos das cartas, que poderiam ser classificados em conservadores, progressistas ou neutros. O objetivo desta análise categorial foi identificar se há equilíbrio de posições publicadas no jornal. O resultado foi o seguinte: 36 cartas, ou 35,5% do total, foram classificadas como conservadoras; 43 (42%) foram identificadas como neutras; e somente 23 (22,5%) cartas foram classificadas como progressistas.

Gráfico 6 – Argumentos



Fonte: a própria autora

A sétima categoria de análise “diálogo com a mídia” parte da hipótese da invisibilidade midiática, citada por Braga (2006), e pretende confirmar se esse fenômeno acontece, ou não, nas cartas de leitores da Folha de Londrina. As 102 cartas do período referido foram, então, lidas com objetivo de verificar a “presença” da mídia. Do total analisado, apenas 11 cartas (11%) fizeram alguma referência à imprensa, enquanto a maioria, 91 correspondências (89%), tratou os acontecimentos como se estivessem dian-

te do próprio fato ou situação e “esquecendo” que essas informações foram passadas por meio de um interlocutor. Além disso, das 11 cartas em que a mídia aparece, nove delas apenas indicam o lugar onde o assunto surgiu. O leitor passa a discutir então diretamente o tema.

Dessa forma, não é possível caracterizar esse conjunto diferente dos 89% em que não há referência à matéria jornalística. Com relação às duas cartas restantes, a primeira faz um elogio ao espaço das cartas e a segunda faz uma crítica a um artigo publicado na coluna “Espaço aberto”, que também é escrita por leitores. O que nos leva a constatar que nenhuma das 102 cartas analisadas dialogou efetivamente com as matérias jornalísticas.

Gráfico 7 – Diálogo com a mídia



Fonte: a própria autora

Esta pesquisa também verificou se há interação entre os leitores das cartas, ou seja, se existe um verdadeiro diálogo entre eles, visto que o espaço, em teoria, poderia ser bastante rico em potencialidade agonística. No entanto, a análise verificou que em apenas 7% dos casos isso acontece; já em 95 cartas, o equivalente a 93% do total, não há diálogo entre as partes. Das sete cartas em que o diálogo acontece, cinco delas são para discordar, completar ou fazer reparos a cartas anteriores, e duas delas são respostas,

sempre na defensiva, de autoridades de Londrina a cartas que fizeram referência aos assuntos em que são responsáveis.

Gráfico 8 – Interação entre leitores



Fonte: a própria autora

Após a leitura detalhada das 102 cartas de leitores, a partir de oito categorias de análise, pode-se influir que as vozes que falam na Folha de Londrina, majoritariamente, são de homens, com ensino superior completo, residentes na cidade de Londrina, que discutem, especialmente, sobre corrupção, por meio de argumentos conservadores ou neutros. Além disso, que a maior parte das cartas publicadas é escrita por somente 20

leitores, que se repetem dia após dia, que não dialogam entre si e também não têm por costume fazer referências diretas ao jornal, seja em forma de críticas ou elogios.

5. As cartas da Folha e a esfera pública

Depois de concluída a análise, é possível fazer o tensionamento da teoria com o objeto empírico, a fim de verificar as proximidades e distanciamentos das cartas de leitores com o conceito de esfera pública habermasiana e ainda apurar as potencialidades do espaço enquanto dispositivo de resposta social.

Os meios de comunicação podem contribuir para criar um espaço de deliberação social e para o intercâmbio de razões em público. Dessa forma, as cartas de leitores se aproximam de um dos requisitos para a formação da esfera pública autêntica, que é a publicidade, ou seja, a visibilidade dos argumentos. O espaço dedicado às cartas de leitores da Folha de Londrina permite a ampliação do debate público, ao oferecer local de visibilidade para que os atores sociais dialoguem sobre temas de interesse coletivo.

Contudo, não basta apenas a exposição, sem que haja o debate. Habermas diagnosticou este tipo de esfera pública como “moribunda”. E é exatamente isso que foi verificado na análise, a inexistência de debates relevantes e significativos no espaço dedicado ao leitor. Os leitores não dialogam entre si, não trocam argumentos, não refutam opiniões. Se a democracia deliberativa preconiza o envolvimento de cidadãos em um processo de discussão pública dos assuntos que os afetam, logo chega-se à conclusão de que não é isso que ocorre nas cartas analisadas. Apesar do esperado potencial do espaço, a coluna é mantida muito aquém de suas possibilidades.

No ideal habermasiano de esfera pública, os interlocutores se comprometem a utilizar da racionalidade e da discursividade para troca de argumentos até que, após discussão política, eleja-se o melhor deles, que se constitui como opinião pública. Afinal, o que define a esfera pública é o processo público de debate. Ora, se em apenas 7% das cartas analisadas há diálogo entre leitores, logo se percebe que o espaço da Folha de Londrina muito se distancia do preconizado por Habermas.

Uma esfera pública autêntica depende ainda de alcance e discussões democráticas de ideias, em que se busque um espaço “equilibrado”. Entretanto, a análise das

cartas revelou que o espaço não é plural e não há diversidade de vozes e argumentos. Como visto no tópico anterior, o espaço é majoritariamente composto por homens, com ensino superior completo, que possuem posição conservadora a respeito dos assuntos políticos.

Em entrevista concedida por *e-mail*, o jornalista Claudemir Scalone, editor de Opinião da Folha de Londrina, revelou que a pluralidade de vozes e argumentos seria o ideal, mas quem define isso são os próprios leitores. Segundo ele, são recebidas mais cartas do público masculino do que do feminino e que, especialmente, nos temas políticos, como no *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e sobre a Operação Lava Jato, “nossos leitores têm rejeição ao PT e, por outro lado, são raros os que enviam cartas para contestar a operação ou mesmo defender Lula e Dilma”.

Além disso, como elucidado por Gomes (2008, p. 183), a desigualdade social tende a reduzir a eficácia e a influência dos leitores menos favorecidos, o que é comprovado na análise, visto que das 102 cartas, apenas nove delas foram escritas por leitores sem ensino superior. A falta de recursos culturais e de oportunidades torna mais difícil para o interlocutor, em desigualdade de oportunidades, se sentir confortável em expressar-se por meio da escrita. Sem contar que o próprio acesso ao jornal em si é dificultado, tanto por razões econômicas, como por questões culturais. Dessa forma, o que se constata é um debate, frequentemente, protagonizado pelos mesmos leitores, não se verificando a diversidade de vozes que seria esperada.

Outro ponto de análise desta pesquisa é verificar as potencialidades das cartas de leitores da Folha de Londrina enquanto dispositivo de resposta social. Neste sentido, buscou-se identificar falas e comentários em que a própria mídia e seus produtos fossem objeto de referência expressa, dessa forma, servindo como efeitos de qualificação e exigência sobre o jornal. Contudo, o que se verificou na análise é que apenas 11 cartas, das 102 que constituíram o *corpus*, fizeram alguma referência à imprensa. Mesmo assim, nove delas apenas fazem referência ao local onde o assunto surgiu, não podendo ser consideradas como resposta social sobre a mídia.

Isso nos leva a classificar as cartas como dispositivos de reduzida eficácia para o controle da imprensa. Em geral, o leitorado não criticou, não argumentou e não opinou sobre a forma como os fatos foram retratados pela mídia. Talvez porque eles este-

jam tão alinhados com a política editorial do jornal, que concordam com o tratamento dado às notícias.

6. Considerações

O espaço dedicado as cartas de leitores na Folha de Londrina oferece uma interlocução difusa entre leitores sobre o jornal e a imprensa que não deve ser desconsiderada. É claro que dar visibilidade para diferentes opiniões contribui com o alargamento da esfera pública midiática. No entanto, o espaço analisado se mantém muito aquém de suas possibilidades, não sendo verificado um diálogo efetivo entre os leitores e nem a utilização do espaço para controle da imprensa.

Uma das saídas proposta por Braga (2006) seria a utilização de formatos que estimulasse um debate atraente e produtivo, o que seria tão positivo para os jornais, como para o desenvolvimento das competências dos leitores. O espaço dedicado às cartas de leitores na Folha de Londrina se mantém por anos sem muita criatividade ou vontade que a coluna aconteça de forma diferente. Sendo os leitores a razão de ser da imprensa, o jornal poderia buscar estratégias para incentivar a participação do leitorado. Algumas sugestões são: o aumento do espaço dedicado às cartas, chamadas na capa para a coluna do leitor e respostas às cartas pelos jornalistas. O jornal poderia estimular o debate, por exemplo, indicando uma pergunta específica aos leitores, sendo o leitor convidado como crítico a observar as matérias no jornal.

Contudo, mais importante aqui, talvez não seja a mudança para um formato mais convidativo, porque para fortalecer a democracia, não basta estrutura suficiente, é preciso a motivação correta, o interesse e a disponibilidade dos próprios leitores para engajar-se em debates. Aqui, se esbarra na apatia política generalizada da sociedade contemporânea. O momento atual é de crise no modelo de democracia representativa. As pessoas estão descrentes na classe política e há desconexão entre esfera pública e esfera civil. Uma maior participação pública pode ser conquistada quando a sociedade acredita que suas motivações serão levadas em conta pela classe política.

A coluna das cartas de leitores da Folha de Londrina clama ainda por uma pluralidade de vozes e argumentos, para obter um caráter mais democrático. Idealmente, não poderia haver barreiras que excluam certas pessoas ou grupos do debate. No entan-

to, em nosso país o que impera é a desigualdade social. De forma mais abrangente, é fácil perceber que, no conjunto, o Brasil não dispõe de um sistema de resposta desenvolvido.

Uma dificuldade que parece permear tudo isso é a reduzida eficácia do sistema educacional, o que está associado à ausência de competências interpretativas e interesse participativo da sociedade. O editor de opinião da Folha de Londrina, Claudemir Scalone, reconhece que, muitas vezes, as cartas passam a circular em um círculo pequeno de iniciados, ou “iguais”. Para reverter este quadro, ele afirma que a Folha de Londrina produz conteúdo específico para estudantes, o Folha Cidadania, que procura estimulá-los à leitura não só do jornal, como também desenvolver o espírito crítico. Além disso, segundo Scalone, os professores de algumas escolas de Londrina e região enviam cartas produzidas pelos alunos a fim de estimulá-los. No entanto, esta iniciativa deve ter eficácia reduzida, visto que em um mês de análise do jornal, não foi encontrada nenhuma carta neste formato.

Características do nosso país como baixa escolaridade, desigualdade social e acesso restrito aos bens culturais, contribuem para a formação de uma sociedade “deformadamente midiaticizada”. É neste sentido que, para finalizar este trabalho, se defende aqui uma educação para os meios, que ao imbuir as pessoas de competências críticas com relação à mídia, contribui para o florescer de uma sociedade mais democrática e justa.

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal; BAESSE, Jurema. Gêneros opinativos e internet: mais espaço para o leitor. In: MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

FONSECA JÚNIOR. Wilson Côrrea da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 280-304.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANTHIAGO, Ricardo. **Outras vozes pela cidadania:** Aspectos da interação leitor/publicação no espaço de cartas do leitor. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

SCALONE, Claudemir. **Entrevista Opinião do Leitor Folha de Londrina.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <opinio@folhadelondrina.com.br> em 20 jul. 2017.

SILVA, Marisa Torres da. **As cartas de leitores na imprensa portuguesa:** uma forma de comunicação e debate público. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

_____. **As cartas dos leitores no Público e no Diário de Notícias.** In: Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Braga, 2007.